

POSSIBILIDADES DE INTERLOCUÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO DE BELL HOOKS E B. F. SKINNER

Isabela Vitória Abilas Tarosso (PIC), Denisse Brust López (co-orientadora), Carolina Laurenti (Orientadora), e-mail: b.tarosso@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, PR.

Psicologia e Psicologia do Ensino e Aprendizagem

Palavras-chave: educação; análise do comportamento; bell hooks.

Resumo:

Para Skinner, a educação desempenha um papel protagonista na transmissão de valores e práticas culturais, tornando imprescindível que os/as analistas do comportamento, ao buscarem o planejamento e a promoção de projetos culturais alternativos, se voltem para esse campo. Uma interlocução entre as propostas pedagógicas de Skinner e bell hooks poderia iniciar reflexões sobre como a educação pode viabilizar projetos culturais mais justos e igualitários, pois, em sua obra, hooks explorou a relação entre a educação e as lutas feminista, antirracista e anticapitalista. Assim, o objetivo desta pesquisa foi sistematizar semelhanças e diferenças entre a proposta pedagógica de bell hooks e a de B.F. Skinner. Para tanto, foram analisadas as obras *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* e *Tecnologia do ensino*, de hooks e Skinner respectivamente. Concluiu-se que suas teses convergem na crítica às pedagogias tradicionais, na defesa da responsabilidade social da educação e de seu papel como promotora da autonomia das/os alunas/os mediante uma relação professor/a-aluno/a mais horizontal e menos polarizada. Ao mesmo tempo, a proposta de hooks abarca reflexões políticas sobre as relações de poder que permeiam a sala de aula, enquanto a proposta skinneriana contribui com um olhar científico, mostrando, assim, um caminho para a construção de uma pedagogia politicamente engajada e cientificamente embasada.

Introdução

A Análise do Comportamento permaneceu à parte das discussões do movimento feminista durante muito tempo. No entanto, atualmente é possível perceber que discussões mais sistemáticas acerca do tema têm sido feitas por analistas do comportamento, como se pode verificar na publicação de livros e artigos, e também na estruturação de coletivos feministas (COUTO; DITTRICH, 2017). Apesar desses avanços, pouco se discute a temática no âmbito da educação. Porém, quando se compreende o papel que a educação desempenha na teoria skinneriana, fica evidente a necessidade de estudos que considerem a temática da educação na interface com o feminismo.

A pedagoga feminista bell hooks é uma referência no campo educacional, uma vez que dedicou grande parte de sua obra a explorar as possibilidades de transformar a educação em um local de engajamento político dos movimentos sociais, como os movimentos feminista, antirracista e decolonial. Considerando o panorama das relações entre feminismo e Análise do Comportamento, o objetivo desta pesquisa foi investigar em que medida o estabelecimento de uma interlocução com os textos educacionais de hooks poderia ampliar as possibilidades de os/as analistas do comportamento pensarem na educação como um local de engajamento político. Ao mesmo tempo, seria o caso de perscrutar como o olhar científico, advindo da proposta skinneriana, poderia contribuir para a consolidação da pedagogia engajada defendida pela autora.

Materiais e Métodos

Foi realizada uma pesquisa de natureza conceitual, dividida em três etapas, descritas a seguir.

Etapas 1: Caracterização da proposta pedagógica de bell hooks.

O objetivo desta etapa foi a descrição da proposta pedagógica de bell hooks com base no exame do livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (HOOKS, 2013). Para tanto, foi elaborada uma tabela organizada em três eixos temáticos (papel da educação, relação educador/a-educando/a, práticas pedagógicas), contendo trechos do texto nos quais a autora discutisse esses temas, nº de página e, quando pertinentes, comentários a respeito.

Etapas 2: Descrição das teses de uma proposta educacional na perspectiva da Análise do Comportamento.

Esta etapa teve como objetivo descrever a proposta pedagógica skinneriana pautando-se na análise do livro *Tecnologia do ensino* (SKINNER, 1972). Para tanto, foi elaborada uma tabela organizada em três eixos temáticos (papel da educação, relação educador/a-educando/a, práticas pedagógicas), contendo trechos do texto nos quais o autor discutisse esses temas, nº de página e comentários a respeito.

Etapas 3: Comparação entre as propostas pedagógicas de hooks e Skinner.

O objetivo desta etapa foi avaliar as semelhanças e diferenças entre as propostas pedagógicas de bell hooks e Skinner por meio de uma comparação sistemática dos resultados obtidos nas etapas anteriores. O resultado desse procedimento foi compilado na forma de um texto de síntese que destacou eixos temáticos para balizar a interlocução entre os/as autores/as.

Resultados e Discussão

Serão apresentados os pontos principais da comparação entre as propostas pedagógicas de hooks (2013) e Skinner (1972), considerando três eixos temáticos: i) papel da educação; ii) relação educador/a-educando/a; iii) práticas pedagógicas.

Em relação ao *papel desempenhado pela educação*, é possível dizer que ambos os/as autores/as compreendem a educação como uma atividade influenciada pela cultura em que ela está inserida, sendo encarregada de transmitir seus valores e práticas de geração em geração. Assim, tanto hooks como Skinner tecem críticas às

propostas educativas tradicionais, que partem de uma relação hierárquica entre aluno/a e professor/a, ora colocando o/a aluno/a como um recipiente passivo de informações, ora responsabilizando-o/a pelo processo educativo como um todo. Indo na contramão disso, ambos os/as autores/as propõem soluções que reconhecem a responsabilidade social dessa instituição na viabilização de um projeto ético-político. No caso de hooks (2013), seu projeto político envolve transgredir as relações de opressão, atuando de forma engajada nos diversos movimentos sociais e, concomitantemente, fomentando a participação dos/as seus/suas alunos/as nesses movimentos. hooks deixa claro que essas discussões devem ser tratadas de forma coletiva, transformando a sala de aula em um espaço comunitário. Assim, hooks se debruçou no estudo das relações de poder, oferecendo ferramentas conceituais e teóricas para o melhor entendimento da opressão e das possibilidades de transformação social mediante a educação. Embora não sistematize seu projeto político ao longo do livro analisado, Skinner (1972) defende que o processo educativo demanda escolhas e decisões orientadas por determinados valores e práticas culturais que representam aquilo que é visto como desejável para a sociedade. Contudo, Skinner (1972) não teceu discussões políticas a respeito das relações de poder que contemplassem aspectos como raça, classe e gênero, apresentando uma lacuna que poderia ser preenchida a partir de um encontro com as teses de hooks. Na contrapartida, o autor pode contribuir com ferramentas efetivas de predição e modelagem do comportamento humano a partir de um olhar científico.

No que tange à *relação educador/a-educando/a*, percebe-se uma preocupação comum entre hooks (2013) e Skinner (1972) em promover mudanças profundas em relação à visão tradicional. Isso porque ambos consideram importante que tanto o/a professor/a como o/a aluno/a desempenhem um papel ativo na construção do conhecimento. Assim, para os autores, é preciso que o/a professor/a tire a sua figura do centro do processo educativo e, ao mesmo tempo, que o/a aluno/a reconheça a sua responsabilidade de participar ativamente nesse processo. O caminho encontrado por hooks para concretizar tal mudança é ajudar os/as alunos/as a encontrarem a *própria voz*, de forma que eles/as possam compartilhar suas experiências e também discorrer sobre diversos tópicos. Pode-se argumentar que Skinner (1972) tem uma preocupação semelhante à da autora com base no que ele coloca como um dos principais objetivos da educação: *ensinar o/a aluno/a a pensar*. Diferentemente do que comumente se entende por isto, Skinner (1972) argumenta que ensinar a pensar é criar condições para que os/as alunos/as consigam solucionar problemas por conta própria, arranjar contingências para eles/as entrarem em contato com situações e contextos diferentes e agir de maneira criativa perante essas e outras situações. Isto é, se trata de um objetivo que mira na autonomia dos/as alunos/as para lidar com o mundo sem a orientação constante de um/a professor/a.

Em relação às *práticas pedagógicas*, Skinner (1972) criou um modelo denominado *instrução programada*, que consiste no planejamento de materiais para a modelagem e a manutenção do comportamento. Esse material deve ser subdividido em pequenas unidades para ir apresentando o conteúdo ao/a aluno/a aos poucos, mantendo, assim, um baixo nível de dificuldade. Parte-se do princípio de que as

unidades devem ser simples e fáceis, com a apresentação de reforço ao final de cada pequena unidade. Com isso evitam-se erros e garante-se que o comportamento de estudar do/a aluno/a esteja sob controle de consequências reforçadoras positivas e não aversivas. Ademais, permite que o/a aluno/a siga seu próprio ritmo, avançando de acordo com suas condições pessoais, sem precisar ter sua aprendizagem comprometida em prol do ritmo da turma, como ocorre no ensino serial. Já para hooks (2013) tem como o ponto central de sua prática pedagógica consiste na criação de uma *comunidade de aprendizagem*, ou seja, um espaço democrático e seguro em que todos/as se sintam à vontade para contribuir na construção de conhecimento.

Embora a instrução programada skinneriana tenha sido pensada para atender o ritmo e repertório individual do/a aluno/a, Skinner (1972) não deixa de considerar a sala de aula como um contexto social, no qual a interação professor/a-aluno/a é fundamental para que o processo educativo aconteça. Contudo, hooks (2013) amplia o foco nas relações em sala de aula para incluir (e dar maior protagonismo) à relação aluno/a-aluno/a, mostrando a importância de aprender e ensinar em comunidade. Assim, ambas as propostas podem ser articuladas de maneira complementar, de modo a se pensar em práticas pedagógicas capazes de instrumentalizar o aprendizado coletivo, potencializando a função libertadora da educação sem, com isso, perder de vista a individualidade de cada aluno/a.

Conclusões

A interlocução entre as propostas pedagógicas de hooks (2013) e Skinner (1972) ajuda a ampliar as relações entre Análise do Comportamento e feminismo abarcando também a educação, além de mostrar um caminho para a construção de uma pedagogia politicamente engajada e cientificamente embasada. Se, por um lado, esse diálogo enriquece a Análise do Comportamento colocando como pilares as discussões sobre as relações de poder entre gênero, raça e classe, por outro, as preocupações e práticas propostas por hooks podem se ver positivamente afetadas por um instrumento passível de sistematizá-las, concretizá-las e amplificá-las: a instrução programada skinneriana.

Agradecimentos

Agradeço às minhas orientadoras, Prof^a. Dr^a. Carolina Laurenti e Denisse Brust López, pelo incentivo e oportunidade.

Referências

COUTO, A.; DITTRICH, A. Feminismo e análise do comportamento: Caminhos para o diálogo. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v.8, n.2, p. 3. São Paulo, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. SP: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2013.

31º Encontro Anual de Iniciação Científica
11º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



10 e 11 de novembro de
2022

SKINNER, B. F. **Tecnologia do ensino**. Tradução de Rodolpho Azzi. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1972.